

AS MARGEM

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

A' MARGEM

AS POUCAS PALAVRAS que em números passados temos escrito sobre algumas ideias que prendem com as comemorações centenárias nesta cidade, têm chamado a atenção de quem nelas anda interessado, e outras ideias aparecem e assim, uns a seguir a outros, irão surgindo problemas cuja realização é de aproveitar.

Dentre o programa das comemorações fará parte um cortejo de flores, rico de cor, fogueiras votivas e simbólicas e, como fecho, o hasteamento da nossa bandeira primeira.



SOBRE O CORTEJO DAS FLORES, seja-nos permitido sugerir: assim... à frente de cada grupo portador de açafates de flores, ficaria bem, seria do melhor efeito, erguer-se um arco florido conduzido por quatro figuras vestidas à moda da terra, lendo-se nesses arcos o nome das respectivas freguesias de onde as flores vêm.

Estes obedeceriam na sua confecção ao gosto tradicional desses arcos que é de uso erguerem-se nas romarias, arraiais campestres e trabalhos agrícolas. As ruas da cidade poderiam ser tapeteadas com flores e plantas aromáticas, alecrim, alfazema, erva doce, etc., como era de uso nos tempos antigos, nas festas maiores.



SOBRE AS FOGUEIRAS SIMBÓLICAS... usavam os castelos para efeitos de defesa militar, acender na mais alta das suas torres um fogacho, designado — *almenara*.

Ora, se as antigas *almenaras*, como que bradavam de castelo para castelo, — *alerta! alerta! que o inimigo aperta!*, porque não reacender no nosso Castelo, na sua torre de menagem a chama votiva da Pátria, durante o ano aúreo de 1940, como que bradando, como que dizendo ao viajero que passa: — *Portugueses, alerta, que a Nação desperta!* —?

Caberia certamente ao Chefe da Revolução Nacional a alta honra de acender essa *almenara* votiva.



JÁ SE DISSE — E MUITO BEM — que a bandeira de Afonso Henriques seria hasteada na torre de menagem do Castelo pelo Chefe do Estado.

Este acto poderia, talvez, resultar mais impressionante, fazendo-o au-

Coração do Império

ESTA elaborado, com carácter definitivo, o programa das celebrações centenárias a realizar em Guimarães em Junho do ano corrente.

Nos dias 3, 4 e 5 dêsse mês todos os olhares do Império Português estarão voltados para Guimarães. A nossa terra será, nesses dias, o centro de tôdas as atenções do mundo português; o nosso glorioso e venerando castelo será o altar onde virão rezar, agradecer, todos os corações lusitanos de perto e de longe, e, na mais perfeita comunhão de aspirações e afectos, dar graças ao Altíssimo por todos os benefícios de que nos tem cumulado desde aquêl dia distante em que Portugal aqui nasceu.

Em Guimarães convergirá o pensamento de todos os nossos compatriotas espalhados pelo mundo, todos aguardarão ansiosamente, impacientemente, a voz de comando que daqui lhes vai ser dada; todos estarão atentos a tudo quanto nesses dias de glória aqui se vai passar, rememorando aquêl primeiro dia em que o moço Afonso Henriques pôde bradar com orgulho e firmeza: *Portugal é livre! Viva Portugal!*

Nesses dias de fé e confiança, de enlêvo e de comoção, todos os corações estarão preparados para pulsarem em unísono com o coração de Guimarães. Nesses dias inolvidáveis será Guimarães o Coração do Império Português! Daqui partirá, para todos os recantos da terra onde respirem portugueses, o fluxo magnético que a todos fará vibrar intensa e enternecidamente do mais puro amor patriótico.

As palavras que aqui se proferirem irão despertar em tôdas as almas, quer se encontrem jubilantes em volta do vetusto monumento da nossa independência, quer mourejem penosamente por terras estranhas, angariando o pão de cada dia, os afectos mais comovidos e consoladores. Em tôdas elas, mas principalmente nas dos infelizes, tocados pelo infortúnio, amargurados de desgostos, torturados de privações e de sofrimentos, raiará por instantes um sorriso de comoção ao ouvir a voz longínqua da Pátria que lhes fala de Guimarães.

Daqui irradiará para todo o Império o sangue vivificante da corfiança, daqui o entusiasmo impulsionador das grandes realizações, daqui as vagas de afecto que a todos unirão estreitamente como irmãos, daqui a inspiração sublime dos nobres cometimentos, daqui a grande lição dos oito séculos passados, daqui as altas directivas para outros séculos futuros.

E Portugal inteiro ouvirá e compreenderá e comover-se-á até ao mais íntimo do seu ser.

E Portugal inteiro pulsará em unísono com o coração do Império — Guimarães!

A' MARGEM

teceder de um, por assim dizer, «golpe de teatro», assim concebido:

Um esquadrão de cavalaria, vestido à época medieval, rompia a galope das bandas do Campo do Salvador, simulando o regresso da memorável Batalha de S. Mamede. Na sua frente o alferes-mor trazia desfaldado ao vento, por entre escudos e lanças, o balsão real, vendo-se a seu lado o Infante D. Afonso Henriques.



FAZENDO ALTO ESTA ARREMETIDA de cavaleiros junto à porta da Traição, ali o Chefe do Estado receberia o estandarte real, depois de o seu portador, joelho em terra, o haver beijado.

Seguir-se-ia depois disto o hasteamento, com as demonstrações do estilo.



ESTA BANDEIRA DE AFONSO HENRIQUES — cruz azul sobre campo branco — seria confeccionada pelas Donas e Senhoras de Guimarães, e oferecida, no final deste acto solene, à guarda da Mocidade Portuguesa, na lembrança histórica de que o jovem infante que no século XI a defendeu, contava apenas 17 anos.

O nosso jornal

Vai proceder-se à cobrança do 4.º trimestre. Pede-se a quem se encontra ainda em atraso para satisfazer os seus débitos de maneira a ficar com as contas actualizadas.

Mal sabem as complicações e dificuldades que originam com essas demoras nos nossos serviços administrativos. Isto para os que de boa vontade se prontificam a ajudar-nos, o que agradecemos; para os outros, saberemos usar doutros processos.

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

NOTICIÁRIO

Domingo da sexagesima

Evangelho (Luc. VIII, 4-15).—Como se juntasse um crescido número de povo, que pressuroso acudia das cidades para junto de Jesus, disse-lhes êle em parábola: «Safu o semeador a semear o seu grão. E, ao semear, uma parte da semente caiu ao longo do caminho; e foi pisada, e as aves do céu a comeram. Outra parte caiu em pedregulho; e, apenas nasceu, secou, porque não tinha humidade. Outra parte caiu entre espinhos; e, nascendo os espinhos juntamente com ela, a sufocaram. Outra parte enfim caiu em boa terra; e nasceu, e deu fruto a cento por um.» Dito isto, clamava: «Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.» Então os discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola. E êle respondeu-lhes: «A vós foi-vos concedido conhecer o mistério do reino de Deus: aos outros fala-se-lhes em parábolas, para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam. A significação da parábola é a seguinte: A semente é a palavra de Deus. A que caiu à borda do caminho, significa aquêles que a ouvem, mas vem o demónio e lha tira do coração, para que êles se não salvem crendo-a. A que caiu em pedregulho, significa aquêles que, tendo-a ouvido, a recebem com gôsto, mas não têm raízes: crêm por algum tempo, e no momento da tentação voltam atrás. A que caiu entre espinhos significa os que a ouviram, mas, ao irem por diante, ficam sufocados pelos cuidados e riquezas e deleites desta vida, e não dão fruto. A que caiu em boa terra significa os que, ouvindo-a com coração bom e muito são, a retêm, e dão fruto pela paciência.»

Homília.—Esta bela e fecunda parábola mostra-nos como a bondade de Deus espalha a semente divina, isto é, a sua palavra em tôdas as almas.

Consideremos em primeiro lugar a excelência da palavra de Deus e depois a sua eficácia.

A palavra de Deus é tudo o que Deus nos diz directamente ou pelos seus ministros. É a manifestação da sua vontade. A palavra de Deus escrita é a Sagrada Escritura; cada uma das suas páginas é como que uma lição para o nosso espírito e para o nosso coração.

Eficácia da palavra de Deus. Quem dirá o poder e a eficácia da palavra divina! Contemplai o firmamento, todo o universo e os seres que nêle existem... eis o efeito da palavra de Deus. Deus fala e o homem é criado à sua imagem e semelhança. Jesus descido à terra para nos salvar, confia à sua Igreja os meios de salvação que ela nos deve comunicar.

Vêde como ainda aqui a sua palavra é eficaz! Ele disse a Pedro: *Portae inferi non praevalerunt adversus Ecclesiam meam*; e com efeito a Igreja triunfou, e triunfará até ao fim do mundo de todos os esforços do demónio e dos de todos os perseguidores, herejes e pseudo-filósofos. Por ela transformaram o mundo, conduziram os homens aos pés de Jesus Cristo e estabeleceram o reino de Deus, propagando a sua Igreja por todo o mundo.

Aqui tendes em poucas palavras a excelência e a eficácia da palavra divina.

Até hoje tendes tido consideração e respeito por êla? Produziu em vós algum destes efeitos maravilhosos? Ah! a palavra de Deus prega-se por tôda a parte e no entanto quasi sempre é estéril e improfícua!

Não imputemos êste resultado senão à nossa negligência e à nossa malícia. Nós não a recebemos com o respeito e o amor que ela merece; não a escutamos nem nos preocupamos com a sua prática. Ah, receai a ameaça do Senhor: *Verbum meum non revertetur ad me vacuum*. Tomai, pois, a resolução de ler e escutar doravante a palavra divina com mais atenção e devoção a fim de que vos guardem, vos santifique e vos torne dignos da recompensa do céu.—*Amen*.

essa despesa, as receitas cobradas por ocasião das Festas Centenárias, calculadas pelo sr. capitão Henrique Galvão em 230.000\$00 ficariam a pertencer exclusivamente à Câmara. O sr. capitão Henrique Galvão disse ainda que sua ex.^a o sr. Ministro das O. P. e C. estava resolvido a, pela Junta Autónoma das Estradas, mandar alargar a referida estrada, com o encargo para a Câmara das necessárias expropriações. Em virtude do exposto e considerando que a venda do «Roteiro do Concelho de Guimarães» e da Monografia «Guimarães—História e Arte» deve produzir uns 40.000\$00, propõe que na receita se inclua a seguinte verba:—diversas taxas cobradas por ocasião das Festas Centenárias e o produto da venda do «Roteiro do Concelho de Guimarães» e da Monografia «Guimarães—História e Arte»—270.000\$00; que, na despesa, se reduza a verba da alínea 14.^o do art. 79.^o para 360.000\$00, e que se eleve a verba do art. 40.^o a 350.000\$00; que ao art. 79.^o se acrescente mais uma alínea, com a seguinte

CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃIS

Resumo do expediente da sessão extraordinária de 30 de Dezembro de 1939

Lida, aprovada e assinada a acta da sessão ordinária anterior, realizada no dia 27 de Dezembro, o sr. presidente disse: Que, como na última sessão havia comunicado à Câmara, aguardava a vinda a esta cidade do sr. capitão Henrique Galvão, para tratar das Festas Centenárias, e ainda, para saber o que sua ex.^a o sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações tinha resolvido quanto ao alargamento da Estrada Nacional n.º 11—2.^a, no local dos Palheiros, e que, em virtude do que lhe disse o sr. capitão Henrique Galvão, a verba de 200.000\$00 votada para as Festas Centenárias era insuficiente, visto as obras de adaptação da casa do Grémio do Comércio, para instalação de sua ex.^a o sr. Presidente da República terem de ser custeadas pelo Município e que, para fazer face a

Vida católica

Na igreja de S. Dámaso realizou-se a anunciada festa em honra do Mártir S. Sebastião, que, por o tempo não ter permitido a saída da procissão, se limitou às cerimónias religiosas dentro do templo.

O sermão, feito pelo sr. padre José Dias, da Póvoa de Lanhoso, agradou muito a todos os que, enchendo por completo o templo, o escutaram com fervoroso interesse.

Pedido de casamento

Para o sr. José Mendes de Sousa Neves, filho do sr. Joaquim de Sousa Neves, foi pedida em casamento a sr.^a D. Maria José Marques Rodrigues Pinto, filha do sr. Plácido Pinto Teixeira da Costa, industrial e proprietário em Serzedelo, e da sr.^a D. Aurora de Jesus Marques Rodrigues.

O pedido foi feito pelo próprio noivo a quem gostosamente felicitamos.

Doentes

Tem passado um pouco doente o sr. José Luiz de Pina, comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e professor do Liceu de Martins Sarmento.

—Continua bastante doente o menino José Antero, filho do sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas.

—Gravemente doente, encontra-se a digníssima esposa do comerciante e industrial sr. António da Silva Xavier.

Corporativismo

Chegou-nos aos ouvidos que fôra retirada de Guimarães para Braga a sede do Sindicato dos Sapateiros. Emquanto não recebermos informação segura, cumpre-nos dizer que tal não aconteceu talvez, pois tôda a gente sabe que em Guimarães há muito mais operários sapateiros do que em Braga, e sabe também a imoralidade que isso constituiria (na ocasião em que ao Sindicato despontavam melhores dias, com a cotização obrigatória), retirar daqui a sede desse organismo corporativo depois de ter vivido já momentos de verdadeira crise económica.

Com mais segurança informaremos depois.

Aniversários

No dia 27 a ex.^{ma} sr.^a D. Beatriz da Silva Carneiro e o ex.^{mo} sr. José Jacinto Júnior.

No dia 31 o ex.^{mo} sr. José da Silva Gonçalves.

designação: Expropriações e outras despesas com o alargamento da Estrada Palheiros (Rua de Santo António) 160.000\$.

Depois de discutidas estas propostas, a Câmara resolveu por unanimidade, ao abrigo do disposto no art. 300.^o do Cód. Adm., reformar a deliberação de 27 do corrente mês de Dezembro, que aprovou o orçamento de receita e despesa da Câmara para o ano económico de 1940 com a receita de 7.024.931\$00, e a despesa de igual importância, e aprovar as Nacional n.º 11—2.^a, do lugar dos

No dia 1 de Fevereiro o rev.^{mo} sr. padre Domingos da Silva Gonçalves.

No dia 2 o sr. João António de Sampaio.

No dia 3 a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Luiza Leite de Castro de Azevedo Soares e o sr. Manuel João Cardoso de Menezes de Moraes.

Ressurgimento a todos apresenta sinceras felicitações.

Espectáculos

Nos dias 21 e 22 deu espectáculo no Teatro de Martins Sarmento a Companhia Adelina-Aura Abranches.

No primeiro dia foi representada a comédia «Quantas vezes a mãe canta...» que teve um 2.^o acto interessante com o desempenho de Aura Abranches, e no segundo dia «Um caso sério» com os três actos a igualarem-se em movimento e em interesse, cenas aqui e além engraçadas, mas muitas vezes com «graça forçada». Salvo alguns bons desempenhos, a peça não foi de grande agrado.

Pelo Orfeão

Continuam os ensaios dos componentes deste agrupamento artístico que, brevemente, fará a sua primeira saída do ano, a Vila Real. Embora a data não esteja marcada, dão-nos com certa certeza esta notícia.

Melhoramentos

Principiaram já as obras do arranjo do Largo de S. Francisco e da pavimentação do lado poente do Toural. Dizem-nos que brevemente começarão as obras da Rua de Santo António (Palheiros).

Falecimentos

No passado dia 19 faleceu, com 70 anos de idade, o Inspector Escolar Principal, sr. Manuel Augusto Ribeiro de Miranda, que noutros tempos desempenhou as funções de Inspector do Circulo Escolar de Guimarães.

As cerimónias fúnebres realizaram-se em Macedo de Cavaleiros, para onde o seu cadáver foi trasladado.

Os nossos pêsames.

— Em Urgezes morreu também a sr.^a D. Joaquina Ferreira de Castro, contando 82 anos de idade. Esta senhora era mãe do sr. António Francisco Ferreira de Castro (residente em Lisboa) e da sr.^a D. Ester de Castro Roriz; e avó do sr. José Joaquim Martins Caneiros e D. Rosa Lúcia de Castro Roriz.

A família, condolências.

propostas atrás referidas, ficando assim as receitas do orçamento da receita e despesa da Câmara para 1940, elevadas a 7.291.931\$00, e a despesa a igual importância. Aprovado por unanimidade o orçamento assim reformado, imediatamente se lavrou e foi assinado o acórdão do teor seguinte:—A Câmara Municipal de Guimarães—aprova por unanimidade o presente orçamento ordinário de receita e despesa da Câmara para o ano económico de 1940. Esta acta foi em acto contínuo aprovada para ter efeito imediato.

LORDELO

O Orçamento do Estado para 1940

GANDARELA

Um monumento ao abandono

E' às lições do passado que se vão haurir as energias para as duras caminhadas da hora presente.

Quando um povo esquece as suas origens, menospreza os seus pergaminhos e lança ao abandono os seus monumentos, perde a consciência da sua missão histórica, trai o mandato dos seus maiores, avilta-se e degrada-se.

Os ciclos de engrandecimento da vida nacional, como a que estamos a viver, coincidem sempre, pois daí deriva a força propulsora da sua ascensão, com o restauro dos seus monumentos.

Desde a catedral sumptuosa até ao humilde cruzeiro, tudo deve ser envolvido no mesmo amoroso cuidado de reconstrução e conservação.

Apesar do esforço ingente de restauração dos nossos monumentos desenvolvido pelo Estado Novo, ainda há muitas relíquias ao desbarato, muitos depoimentos de fé e de heroísmo dos nossos antepassados à mercê das intempéries e da boçalidade humana.

Em Lordelo, importante freguesia do nosso concelho há, no lugar de S. João, quasi a confinar com a freguesia de Guardizela, uma pequenina igreja românica, edificada pelos templários no século XIII, na mais desoladora situação de abandono.

Ao entrar no seu adro depara-se logo, a par das campas atufadas de erva, uma pia baptismal atirada para um canto, como se fosse pedra digna de vilipêndio.

O horrível gosto da caição lá está a profanar a silharia da igreja. A sua frontaria, muito simples, voltada para o poente, como habitualmente acontece em tôdas as igrejas românicas, é rematada por um campanário de nicho vazio. Aberto pela cadeia que tangia o sino vê-se, a atestar a anciandade do monumento, um sulco na pedra do ângulo do fecho da frontaria.

Além da porta quadrangular e de uma fresta a ela sobranceira, nada mais se encontra digno de menção nesta fachada de simples arquitectura.

Como todos os monumentos em estilo românico que se aninham ou alçandoram pelas freguesias do nosso concelho: Pinheiro, Serzedelo, Polvoeira, Taboado, Pentieiros, etc., para só citar os de traça mais banal, esta igreja divide-se em duas partes rectangulares: corpo e capela-mor. Um ângulo, correspondente ao arco do cruzeiro, quebra o seguimento destas duas partes.

O lado do corpo Sul apresenta, a sustentarem a cornija do telhado, dez modilhões lisos; e o da capela-mor seis modilhões almofadados, com tôscos motivos decorativos que, infelizmente, a cal que reveste estas pedras não deixa enxergar a preceito. No corpo Sul da igreja rasga-se uma banal porta quadrangular. Um postigo, muito posterior à fábrica primitiva, desfeia a parede Sul da capela-mor.

A face Norte à excepção duma porta entaipada, apresenta as mesmas características da do Sul.

O ângulo que fecha a parede posterior é encimado por uma insígnia da Ordem dos Cavaleiros do Templo.

Eis as anotações colhidas após a observação do exterior desta rústica igreja.

Não nos foi possível consultar

Já teve larga publicidade, nos jornais diários e nas revistas financeiras, o orçamento geral do Estado para o ano 1940. Embora o País atravessasse um momento difícil, que resulta das consequências inevitáveis da guerra europeia, as contas da Nação continuam a apresentar um equilíbrio verdadeiramente invejável. E' claro que esse equilíbrio não se mantém por simples capricho do Ministro das Finanças, mas pela necessidade incontestável de se evitarem ao País males profundos ou até irremediáveis.

Como era de esperar, a guerra causou determinadas oscilações na vida portuguesa e, sobretudo, na sua balança económica. As importações diminuíram consideravelmente, determinando uma quebra dos direitos aduaneiros que deve ser superior, no ano corrente, a 110.000 ou a 120.000 contos. Usariamos de indisculpável imprudência se não procurássemos remediar o mal que daí resulta e teríamos de pagar, talvez num futuro próximo, à custa de angustiosos e pesados sacrifícios. O Ministro resolveu, por isso, sempre fiel aos seus princípios e à sua orientação salutar, recorrer desde já às reservas nacionais, chamando de novo aos cofres públicos receitas que tinham sido dispensadas. Referimo-nos ao Imposto de Salvação Pública, criado em 1928, que há dois anos se não pagava.

Deve lembrar-se aqui, porém, como é de justiça, que o Estado não sobrearregou a economia particular com todo o volume das suas novas necessidades. Compreendendo que o momento é difícil para uns e outros poupou na máxima medida das possibilidades o contribuinte, ao mesmo tempo que chama a si uma parte importante dos encargos a cobrir. Vale-se, para tanto, das reservas dos anos anteriores, sábia e prudentemente acumuladas pelo Sr. Ministro das Finanças. Se não tivesse havido essa larga visão dos fenómenos políticos e económicos, os portugueses haviam de suportar agora, se qui-

qualquer documento ou livro sobre este modesto exemplar do românico no nosso concelho. Quanto ao seu interior não me posso pronunciar, visto que as chaves desta igreja encontram-se confiadas a umas senhoras que só de longe a longe se topam na sua quinta, próxima do local do monumento.

Digna também de justa alusão ergue-se, no terreno que dá acesso ao adro da igreja, uma carvalha secular cujos braços, longos e retorcidos, completamente esgalhados, lembram gritos de protesto contra o abandono a que lançaram as pedras do monumento, suas vizinhas, agora privadas da sua sombra amiga.

Do tronco carcomido desta carvalha eleva-se, impante no seu atrevimento mûço, um eucalipto que urge imediatamente arrancar, não vá o seu desenvolvimento ferir, quem sabe se mortalmente, esta majestosa carvalha.

Chamamos a atenção dos homens bons de Serzedelo para este facto que requiere imediatas providências.

Para finalizar estas desprezenciosas notas reproduzo a informação colhida entre pessoas idosas do lo-

cal que, por sua vez, a receberam dos seus ascendentes, de que esta pequenina igreja foi, em tempos idos, sede da freguesia de S. João de Calvo

sessem defender eficazmente a Nação, sacrificios muitíssimo mais pesados. Para fazer face à quebra das receitas que referimos, também foram agravados os direitos de exportação, até aqui verdadeiramente insignificantes.

«Nós não colocamos o problema na base da política seguida durante a guerra anterior — *salienta-se no Relatório* — de dificultar a saída dos produtos por causa das necessidades do abastecimento interno. Não existem para nós hoje as mesmas dificuldades; mas sem de modo algum contrariar a exportação, que desejamos alargar o mais possível, entendemos dever o Tesouro lograr alguma coisa com as circunstâncias excepcionais do momento.»

Cerca de uns 10.000 contos terão de ser dados ao Estado pelos lucros excepcionais derivados da guerra. O Ministro afirma justamente que há acumulações e rendimentos que devem contribuir, também, para os cofres públicos. Frisou-o nesta passagem, cheia de oportunidade e clareza:

«Só para não estar a acumular anúncios tristes é que não se faz neste momento mais extensa alusão às acumulações de profissões civis fora do Estado, aos dividendos de empresas além de certa medida e às largas receitas de alguns monopólios ricos, a contribuir para as despesas públicas com mais largueza do que até ao presente.»

O sr. Ministro das Finanças pôs o dedo, portanto, numa chaga que tem merecido a atenção do público e não é das menos «confrangedoras». Bem faz o Governo em tomá-la sob a sua guarda, tirando dela o que realmente importa ao bem comum.

E são estas, no final de contas, as partes mais salientes do Orçamento Geral do Estado. O País deve e pode sentir-se orgulhoso dos governantes que tem e tam oportunamente adoptam as medidas que melhor servem os interesses nacionais.

M.

cal que, por sua vez, a receberam dos seus ascendentes, de que esta pequenina igreja foi, em tempos idos, sede da freguesia de S. João de Calvo

H. A.

“Nacionalismo português e valores universais”

Com o título de *Nacionalismo português e valores universais*, proferiu o sr. dr. Abranches Martins a oitava palestra da série organizada pela Comissão de Propaganda da União Nacional.

O fulcro da referida palestra é demonstrar que o nacionalismo do Estado Novo, condenando o individualismo, não cai no excesso de absorver em si mesmo o indivíduo, em quem reconhece a dignidade de pessoa humana; e, dêste modo, não se confunde com nenhum dos nacionalismos exagerados do presente, antes deles se distingue como nacionalismo original, de harmonia com as tradições cristãs do País. A sua ética é sujeitar o indivíduo ao bem comum, mas de ma-

Freguesia à margem do progresso

A obsidiante preocupação de alinhamento das cidades continua a ser, apesar de todos os incentivos de regresso à política rural, o eterno sorvedeiro de recursos financeiros de muitas edilidades.

Emquanto nas cidades se consomem, às vezes, somas enormes no arranjo de jardins, fazendo e alagando, até se obter determinada configuração vagamente idealizada, às freguesias negateiam-se magros recursos para o levantamento dum pontilhão, reconstrução do cemitério, abertura dum caminho, etc., etc.

E assim, de incúria em incúria, nós chegamos ao VIII Centenário da Independência e III da Restauração com freguesias sem uma estrada que as ligue à sede do concelho, sem cemitério, sem edifício escolar, para não falar nos luxos do telefone e da luz eléctrica.

Uma dessas freguesias do nosso concelho, desprovida de qualquer «mimo» do progresso, é Gandarela.

Contornada a nascente pela freguesia de S. Martinho do Conde, a sul pela de Moreira, a poente por Guardizela e a norte por Nespereira, Gandarela desdobra-se num verdejante anfiteatro, cujo plano superior forma um miradouro de longes panorâmicos.

A sua igreja pequenina, de arquitectura simples, aninha-se num mar de verdura, pelo que só é possível enxergá-la a reduzida distância.

Ao lado da igreja alinham-se as sepulturas no mesmo plano do adro. Que desolação!

Gandarela, freguesia sem cemitério, sem estrada, sem edifício escolar, sem luz eléctrica, sem telefone, eis um interminável cortejo de privações a atestar a negligência dos homens!

Em compensação, Gandarela possui, generosamente ofertadas pela Providência, belezas dignas do êxtase e da contemplação dos Bernardins Ribeiros: — água que canta em fontes primitivas, céu azul nos dias de bonança, gorgeios de aves, sol que, quando inunda a terra de luz, até remoça as almas.

Lembrai-vos, porém, ó líricos de Portugal, que tôdas estas belezas campestres não afastam a necessidade da estrada, nas ocasiões de transporte dos produtos da terra, o desejo do telefone nas horas aflitivas, a precisão da escola quando os filhos traquinam pelos campos.

Para Gandarela, freguesia ao abandono, rogamos a atenção da nossa edilidade. Para já, pelo menos, a estrada!

H. A.

neira que o bem comum, que é o bem da colectividade nacional, aproveite ao indivíduo, na consecução dos seus fins humanos de ordem natural e sobrenatural; e sujeitar a nacionalidade aos valores universais, aos valores comunicáveis duma civilização superior, quer recebendo-os para com eles fecundar a realidade portuguesa, quer dando-os a conhecer e amar aos demais povos, com a generosidade cristã dos nossos antepassados.

A nova ordem política e social portuguesa, diz o sr. dr. Abranches Martins, afirma a necessidade absoluta da primazia dos valores humanos e universais sobre a vida pública e privada da Nação, ao contrário do individualismo, e ao contrário dos totalitarismos de Estado, Nação ou Raça.

AINDA OS PALHEIROS

Historiámos já aqui, depois de várias vezes termos insistido pela solução do problema que à Rua dos Palheiros dizia respeito, o caso que esta rua suscitou.

Ora, foram-nos enviados alguns excerptos tirados do *Notícias de Guimarães*, que dizem: «Cremos mesmo que a ideia da Avenida (Palheiros) não foi bem acolhida no Ministério das Obras Públicas e que o receio de que se teimasse na sua abertura motivou não se ter dado início, há mais tempo, ao alargamento a que agora se vai proceder.

«Não se tratava de aplaudir a ideia da abertura de uma larga avenida, como a princípio se havia projectado, por que esta, sem ter o comprimento correspondente à largura estabelecida, redundaria num grande largo que exigia habitações de certa ordem, o que em vez de facilitar, complicaria ainda mais o problema da habitação.

«Evidentemente que não era má vontade contra ninguém (o de discordar da Avenida) nem tam pouco havia a intenção de inferiorizar o bairrismo das pessoas — embora em número reduzido — que se interessavam pela execução do citado projecto, que terminou por ser condenado pelo Sr. Ministro das Obras Públicas.»

Pelo que fica escrito além de outras passagens poderá tirar-se uma conclusão que não é a verdadeira.

Poderá parecer que o sr. capitão Magalhães Couto estaria empenhado em que só se realizasse o projecto da grande Avenida, e só por isso se não realizou logo a solução do problema. Ora isto não é verdade...

O que o sr. capitão Magalhães Couto queria era precisamente a solução do problema — a forma não lhe interessava. Quando apresentou o projecto da Avenida disse logo que esse projecto lhe havia sido oferecido graciosamente e o mostrava somente para tomarem conhecimento do local.

Para terminar, reforçando o que escrevemos, transcrevemos o que o sr. capitão Magalhães Couto escreveu no número 10 do *Ressurgimento*, de 3 de Junho de 1939:

«O Sr. Ministro das Obras Públicas nunca condenou o alargamento da Rua dos Palheiros.

«Exigia sim que o projecto fôsse elaborado por um urbanista e que entrasse no plano geral de urbanização da cidade.

«E' o que estava a fazer por ordem da Câmara — e não sei se ainda está — o architecto sr. Faria da Costa.

«Nunca me preocupei com a largura ou arranjo definitivo da avenida.

«Isso era com o urbanista e o Ministro que havia de aprovar o projecto.

«Aproveitei sim todas as ocasiões favoráveis — e disso não estou arrependido — para expropriar amigavelmente os edificios e terrenos necessários ao traçado da nova artéria e às novas construções.

«Não compreendo mesmo que se façam aberturas de novas ruas e se não expropriem logo os terrenos necessários para edificações. E' por isso que, tomando por base um alinhamento correspondente ao maior alargamento que a rua poderia vir a ter, fizemos a expropriação de terrenos numa faixa de 30 metros para além desse alinhamento.»

Uma causa Nacional

B. João de Brito

«A influência dum Homem é por vezes decisiva nas destinos de um povo».

Com estas palavras, começava a autorizada revista francesa *Jésuites Missionaires* o fundo do seu número de Janeiro de 1939 quasi exclusivamente dedicado a exaltar, em artigo de penas consagradas, a memória do glorioso Mártir, o B. João de Brito.

E' consolador, para o nosso brio nacional, ver o carinho com que uma revista desta categoria e responsabilidade fala dum compatriota nosso, porque João de Brito é nosso, é português. Nasceu em Lisboa em 1647, e ferve-lhe nas veias sangue de heróis, o mesmo sangue que seus avós e irmãos derramaram generosamente em Alcácer-Quibir, em Montes-Claros, no Ameixial, o mesmo sangue que corria nas veias do Santo Condestável, cujo herdeiro é, na virtude, no heroísmo, na santidade.

Alma caldeada ao calor do Sol divino, João de Brito sentiu que nem o Mundo bastava para lhe encher o coração e consagrou-se inteiramente a Deus e ao bem dos seus irmãos, por quem deu a vida, afinal, como Cristo no Calvário, a pedir perdão para os algozes e a luz da redenção para os 60 milhões de párias que jaziam nas sombras da morte, longe de Cristo e do sentido superior da dignidade humana, que só o Cristianismo lhes podia dar.

Depois, passaram cerca de dois séculos e meio, durante os quais o seu sangue, realizando à letra a palavra de Tertuliano, ainda não deixou de ser, nas terras onde foi derramado, fecundíssima semente de Cristãos. E agora?

Agora é o seu nome que ressurgiu, como mensagem celeste, a falar-nos do nosso passado, precisamente na hora em que Portugal se prepara para comemorar as páginas mais belas da sua História.

Agora, são os seus milagres a dizerem-nos que é grato a Deus o seu culto e que é verdadeiro e santo o caminho que o elevou tam alto.

Agora é todo o Portugal a fitar, cheio de esperança, os olhos da alma,

na alma gloriosa de João de Brito, e a pedir-lhe os favores do céu.

Após dois seculos e meio, não se apagou ainda, nas águas movediças do Mar da vida o sulco luminoso, aberto pelo heroísmo e pela fé de João de Brito.

Não se apagou, nem se apagará jamais.

Pio IX beatificou-o em 1852 «para que os fiéis tenham um novo modelo de fortaleza cristã, no meio das calamidades contemporâneas». Já lá vai perto dum século. E agora, tudo se prepara para que a sua canonização venha a ser a coroa refulgente das festas Centenárias em convergência feliz com o da fundação da Companhia de Jesus à qual João de Brito pertenceu.

Como no ano passado, vai começar no dia 26, em todos os templos de Portugal a novena pela canonização do nosso glorioso Mártir. Que ninguém falte, pois que nenhum português se pode desinteressar de um facto que envolve, nos seus reflexos, a glorificação da Pátria.

Peçamos a Deus por intercessão do seu Mártir, as graças de que precisamos. Peçamos-lhe que glorifique, com o esplendor católico dos santos a quem tanta glória lhe deu.

Peçamos-lhe, finalmente, que esta canonização, fazendo vibrar Portugal inteiro, ao ritmo do coração de João de Brito, imprima às Festas do Centenário o verdadeiro sentido da nossa História estruturalmente cristã.

Uma canonização não é cousa que se dê todos os dias. A última que tivemos foi a de S. João de Deus em 1690. Aproveitemos a colaboração de Deus, colaborando com a sua Providência.

Aprendamos com a França, com a Itália, com a Espanha, com a Alemanha, com a Bélgica, com a Holanda, com a Austria, com a Inglaterra, com a Polónia, que todas tiveram filhos seus canonizados nos últimos cinquenta anos.

Será um dia de glória aquêle em que pudermos invocar São João de Brito.

A. Veloso.

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Textil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães

No passado dia 17 do corrente e sob a presidência do sr. Manuel Magalhães e com as presenças dos srs. Manuel de Araújo e Francisco Gomes Alves Ferreira, respectivamente, secretário e tesoureiro, reuniu, pelas 18,30 horas, a Direcção daquele Sindicato.

Depois de ser lida, pelo chefe da secretaria, sr. João de Almeida Lopes, a acta da sessão anterior — que foi aprovada — deu-se despacho a diverso expediente recebido.

O sr. presidente, pondo em relêvo os ótimos serviços prestados a este Organismo Corporativo, pelo digno sub-chefe da Fiscalização do Trabalho, nesta cidade, sr. Anibal Martins Júnior, disse aos seus colegas não poder deixar de propor que ficasse exarado na acta desta sessão, um voto de louvor aquêle distinto fun-

cionário, porquanto, entende julgá-lo merecedor de tal proposta.

Os secretário e tesoureiro reconhecendo tratar-se da expressão da verdade as palavras proferidas pelo proponente, gostosamente se associaram àquela deliberação, sendo, por isso, aprovada por unanimidade.

Por último, o mesmo sr. presidente, deseja fazer chegar ao conhecimento dos seus colaboradores e associados que acaba de ser adquirido, por compra, o terreno sito na Avenida dos Pombais, propriedade que foi do sr. Duarte Pinheiro de Menezes, para ali construir-se o edificio que há-de servir para sede do Sindicato, cuja aspiração já há muito vinha sendo manifestada por aquêles que têm contribuído para os progressos desta importante instituição.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão, cerca das 20 horas.

Visado pela Comissão de Censura

Má educação em Guimarães

II

Não falta quem diga que as palavras reveladoras de baixa educação que se ouvem frequentemente em Guimarães nada têm que ver com a moral, com os bons costumes, porque são ócas e vazias de sentido, como o som dos bombos.

Não é bem assim. Um observador um pouco consciencioso notará sem dificuldade a maldade de quem profere palavras que a boa educação reprova. O que poderá acontecer é dizer-se que elas são tam usadas que quem as profere ou as ouve acaba por se acostumar a elas, como o moleiro se habitua ao ruído do moíno. Mas, se é assim, isso significa que o público não se incomoda com questões de educação. Contudo, eu acredito que uma mulher digna nunca gostará de ouvir certo palavriado.

A isto ainda se poderá observar que uma senhora não percebe o significado daquela linguagem.

Devo dizer que não considero as senhoras de Guimarães, nascidas aqui ou não, tam ignorantes que não conheçam palavras que a sua educação e a sua moral reprovam. Não é muito difficil ouvir mãis chamarem aos filhos nomes feios. Isto, como algumas pessoas explicam, revela a irritação em que elas se encontram, em certos casos, quando reprimem os filhos. Ainda que seja assim, isso não é justificação nem ao menos explicação sufficiente para tal prática, que não fica bem a ninguém. A mãe que insulta os filhos deshonorá-se a si e perde a autoridade para corrigir aquêles que deve educar.

E' muito fácil notar que os pais que dirigem aos filhos palavras grosseiras são filhos de quem falava mal.

E agora que se trata de elevar tanto quanto possível, a família portuguesa, bom seria que se corrigissem alguns defeitos graves que de longe têm vindo. Haverá quem saiba dar remédio a isto, suponho eu.

UM SERRANO.

Tear «Jacquard»

Compra-se um tear «Jacquard» de 1.200 agulhas e com pente de 1m,50 aproximadamente, uma urdideira de tambor e uma caneleira de 4 fusos, em perfeito estado de conservação.

Manuel de Sousa Oliveira — Urgez — Guimarães, ou em Braga na Rua 5 de Outubro, n.º 80.

PEREGRINAÇÃO A FATIMA

A Arqui-confraria de N. S. do Perpétuo Socorro organiza, no próximo dia 13 de Junho, uma grande peregrinação a Fátima.

Nesta romagem de fé superentendida por srs. Padres Redentoristas, poderão tomar parte não só pessoas da cidade, como do concelho e concelhos vizinhos.

A organização do transporte está a cargo do digno chefe da Estação do Caminho de Ferro de Guimarães, sr. David de Oliveira.

As inscrições estão abertas, por exemplo, na sacristia da igreja do Campo da Feira, nas residências dos párocos das freguesias e na Estação do Caminho de Ferro.

O programa definitivo será brevemente publicado.